JOHANN VON LEERS

JUDEUS
por trás de
STALIN

Johann von Leers:

Judeus por trás de Stalin

1941 . . .

Quando as tropas de tanques alemãs chegaram à pequena cidade ucraniana de Dubno, em 9 de julho de 1941, perceberam que a população repetidamente as apontava para a "casa dos horrores", a velha penitenciária de Dubno — uma grande e informe estrutura de tijolos vermelhos, ladeada por pequenas torres de vigia de madeira.

O que encontraram ali é descrito pelo correspondente de guerra Siegfried Pistorius: "... 528 vítimas inocentes, assassinadas sem acusação e sem julgamento, não veriam a hora da libertação. 528 homens, mulheres e crianças que foram chacinados apenas porque amavam o seu povo, porque eram ucranianos, porque queriam continuar sendo humanos. Os portões de paredes espessas da penitenciária foram arrombados. Em uma longa fileira, caixões de madeira rústicos são carregados para fora. Lágrimas rolam por rostos desgastados pelo sofrimento, mulheres desabam, crianças gritam e se agarram aos invólucros de madeira que guardam suas mães ou seus pais." Uma procissão de miséria perambula de cela em cela, de andar em andar pela casa de sangue de Dubno. Mulheres procuram por seus maridos, homens encontram suas esposas, crianças encontram seus pais... A casa da morte de Dubno se ergue por mais de cinco andares. Várias centenas de celas se enfileiram ao longo dos corredores longos e

estreitos. As portas blindadas das celas estão arrombadas, perfuradas por metralhadoras, explodidas por granadas de mão. Peças de vestuário, botas e cobertores manchados de sangue jazem em uma confusa desordem pelas escadas e corredores. Poças de sangue se espalham pelos ladrilhos de pedra. Um odor adocicado de cadáveres impregna o edifício alto. Horas antes da entrada das tropas alemãs, assassinos bolcheviques, tomados pelo delírio de sangue, atiravam pelas janelas das celas, lançavam granadas de mão, violentavam mulheres e meninas, esfaqueavam crianças ainda no peito de suas mães. É um caminho de horror que os soldados alemães, os ucranianos e a população da cidade de Dubno percorrem pela penitenciária. Ali jazem homens cruelmente mutilados em seu próprio sangue; aqui, mulheres encostadas em paredes manchadas de sangue parecem feitas de cera petrificada. Em outra cela, meninas fugiram para o canto mais extremo, pressionando-se contra a parede. E assim permanecem. A expressão de um horror inominável desfigurou seus rostos; no pescoço, veem-se marcas escuras de esganamento. No último andar, uma camponesa encontrou seu marido. Sobre um banco de madeira, ela o velava. O sobrevivente Tschirwa, de Kustyn, perto de Rowne, relata sobre o horror de Dubno: “Eu estava em uma cela no último andar junto com trinta prisioneiros políticos, todos ucranianos. Em 24 de junho, ordenaram que nos fôssemos deitar imediatamente após o jantar, mas não nos bancos laterais da cela, e sim do lado da janela, em frente à porta. Meia hora depois, o alçapão da porta foi

escancarado e, em vez da comida que costumava ser servida, surgiu o cano de uma pistola-metralhadora e várias rajadas foram disparadas. Nós, os prisioneiros, nos jogamos no chão contra a parede da porta, de modo a não oferecer mais um alvo. Nisso, a porta da cela foi arrombada; apareceram um judeu soviético com uma pistola-metralhadora e as duas judias soviéticas Bronstein e Geiffler. Eles abriram um fogo desordenado contra nós. Eu próprio tive sorte. Após um ferimento a bala no pé direito, caí no canto e vários mortos caíram sobre mim. Apenas quatro de nós saíram vivos dessa maneira. Indiscriminadamente, as duas judias soviéticas e o judeu ainda deram disparos contra o monte de cadáveres e depois deixaram nossa cela. Nós quatro rastejamos para fora de debaixo dos corpos, atamos nossos ferimentos de forma improvisada e aguardamos a noite toda. Na manhã seguinte, 25 de junho, ouvi novamente tiros na prisão, e nos escondemos mais uma vez sob os cadáveres...” — O sobrevivente Morosiuk declarou adicionalmente em seu depoimento: “Em minha cela, apenas as duas mulheres judias atiraram para dentro; eu fui o único sobrevivente. Tive de jazer na pilha de cadáveres por dois dias e duas noites, até ser resgatado da cela por soldados alemães.”

1920 . . .

Quando o bolchevismo chegou ao poder, a situação não era diferente. A testemunha ocular Nilostonski (*"No delírio de sangue do bolchevismo"*, Berlim, 1921) descreve os estragos da Tcheka em Kiev quando os bolcheviques se apoderaram daquela cidade: "A chacina das vítimas era realizada, via de regra, ao final das orgias desenfreadas que ocorriam nas casas dos algozes; quando todos já estavam embriagados, a matança era executada como a forma máxima de entretenimento. Os criminosos desciam então as escadas em alegre companhia em direção ao pátio, ao matadouro, onde cada um se divertia com a chacina à sua maneira ou em conjunto, conforme combinado. Nisso, as vítimas eram frequentemente atormentadas de maneira brutal por horas a fio. Ali lhes eram infligidas as mais diversas feridas, ali seus crânios eram lentamente esmagados, ali eram esfaqueadas com toda sorte de instrumentos de tortura, ali suas línguas e membros eram arrancados, e assim por diante. Na verdade, só eram mortas de fato quando os assassinos, devido ao consumo excessivo de álcool, já não conseguiam se manter de pé e precisavam encerrar a sua festa. A famosa algoz de Kiev era a judia Rosa Schwarz. Toda a cidade de Kiev a conhece pelo nome de 'Rosa'. Suas vítimas devem ser contadas às centenas. Esta 'Rosa', que foi capturada, contou ao tribunal militar que a julgou como injetava cafeína continuamente em si mesma para depois, sob esse

efeito, dedicar-se à tortura de suas vítimas. Um membro da referida associação de vítimas da Tcheka relata como foi colocado amarrado sobre a mesa diante de uma jovem judia, conhecida pelo apelido de 'Sonja', e como ela, ao longo de quase uma hora, encostou um revólver na sua têmpora, na sua testa, na sua boca e no seu coração, enquanto observava o seu rosto, para finalmente guardá-lo na algibeira, contrafeita, com a observação de que não estava de bom humor. Ao homem manietado disse ela que o fuzilaria em outra ocasião e ordenou que o levassem dali. De modo geral, cumpre dizer que, tanto em Kiev como em Odessa, Carcóvia, Poltava, etc., mulheres e jovens judias se dedicavam com especial deleite à tortura e ao massacre, e que o seu número era bastante considerável. Cada cidade tinha a sua 'Rosa', 'Sonja', etc., que se haviam tornado celebridades nas respetivas localidades. Quando os torturadores profissionais chineses recuavam diante de uma cabeça de cabelos brancos que deviam torturar, ou quando mesmo as suas torturas pareciam brandas demais, eram as jovens judias que intervinham e se lançavam com alegre ganância sobre as vítimas, infligindo, na sua Infernosa volúpia, os suplícios mais impensáveis às cabeças grisalhas e brancas, fossem de velhos ou velhas, para finalmente, como ato conclusivo, tirarem-lhes a vida.

Sempre de novo judeus como torturadores de seres humanos... Sempre de novo judeus e judias que

executam as pavorosas matanças que caracterizam o bolchevismo.

O que está por trás disso?

Banqueiros judeus financiaram o surgimento do bolchevismo: Um memorial do Primeiro-Chefe do Serviço de Inteligência do Governo Francês em Washington, de 1919, declara:

Apresentado pelo Estado-Maior

do Comando do Exército

2ª Divisão

”7-618-6

Np. 912-S. R. 2

II

Nota do serviço oficial de inteligência na América (entregue pelo chefe do serviço de inteligência da República Francesa nos Estados Unidos).

I. Em fevereiro de 1916, soube-se pela primeira vez que uma revolução estava sendo preparada na Rússia. Descobriu-se que as seguintes personalidades e firmas estavam envolvidas nesta obra de destruição:

1. **Jakob Schiff**, judeu
2. **Kuhn, Loeb & Cie**, casa bancária judaica sob a direção de:
    - **Jakob Schiff**, judeu
    - **Felix Warburg**, judeu
    - **Otto Kahn**, judeu
    - **Mortimer Schiff**, judeu

    - **Jerome H. Hanauer**, judeu
3. **Gugenheim**
4. **Max Breitung**

Portanto, já não resta dúvida alguma de que a Revolução Russa, que eclodiu um ano após o recebimento destas informações, deve sua origem e posterior expansão a uma influência exclusivamente judaica.

Fato é que Jakob Schiff publicou uma declaração em abril de 1917 no sentido de que a Revolução Russa só havia obtido êxito graças ao seu apoio financeiro.

O mesmo relatório diz:

"IV. Entre os amigos mais próximos de Jakob Schiff há um rabino, Judah Magnes, confidente e agente de Schiff, totalmente devotado a este. Magnes é um defensor enérgico do judaísmo internacional; um judeu chamado Jakob Millikow declarou certa vez que Magnes era um profeta.

No ano de 1917, esse profeta judeu fundou, sob o nome de 'Conselho Popular', a primeira associação puramente bolchevique do país. O perigo decorrente dessa associação só veio à tona mais tarde. Em 24 de outubro de 1918, Judah Magnes declarou que era bolchevique e que se encontrava em total acordo com a doutrina e os ideais bolcheviques.

Essa declaração foi feita por Magnes em uma reunião da 'Liga Judaica da América' em Nova York. Jacob Schiff condenou as ideias de Judah Magnes, e este, para

enganar a opinião pública, desligou-se da 'Liga Judaica da América'. No entanto, Schiff e Magnes permaneceram em estreita ligação como membros do conselho de administração da Kehilla (Kahal).

V. Por outro lado, Magnes também mantém, financiado por Jacob Schiff, relações íntimas com a organização sionista mundial Poale Zion, da qual foi líder; o objetivo desta é estabelecer a supremacia internacional do partido operário judeu. Disso decorre, novamente, a estreita ligação entre os multimilionários judeus e o proletariado."

Judah Leon Magnes elogia o bolchevismo

O rabino Judah Leon Magnes, da comunidade Jeshurun em Nova York, falecido como chanceler da Universidade Judaica de Jerusalém, disse o seguinte em um discurso público em Nova York, em 1919:

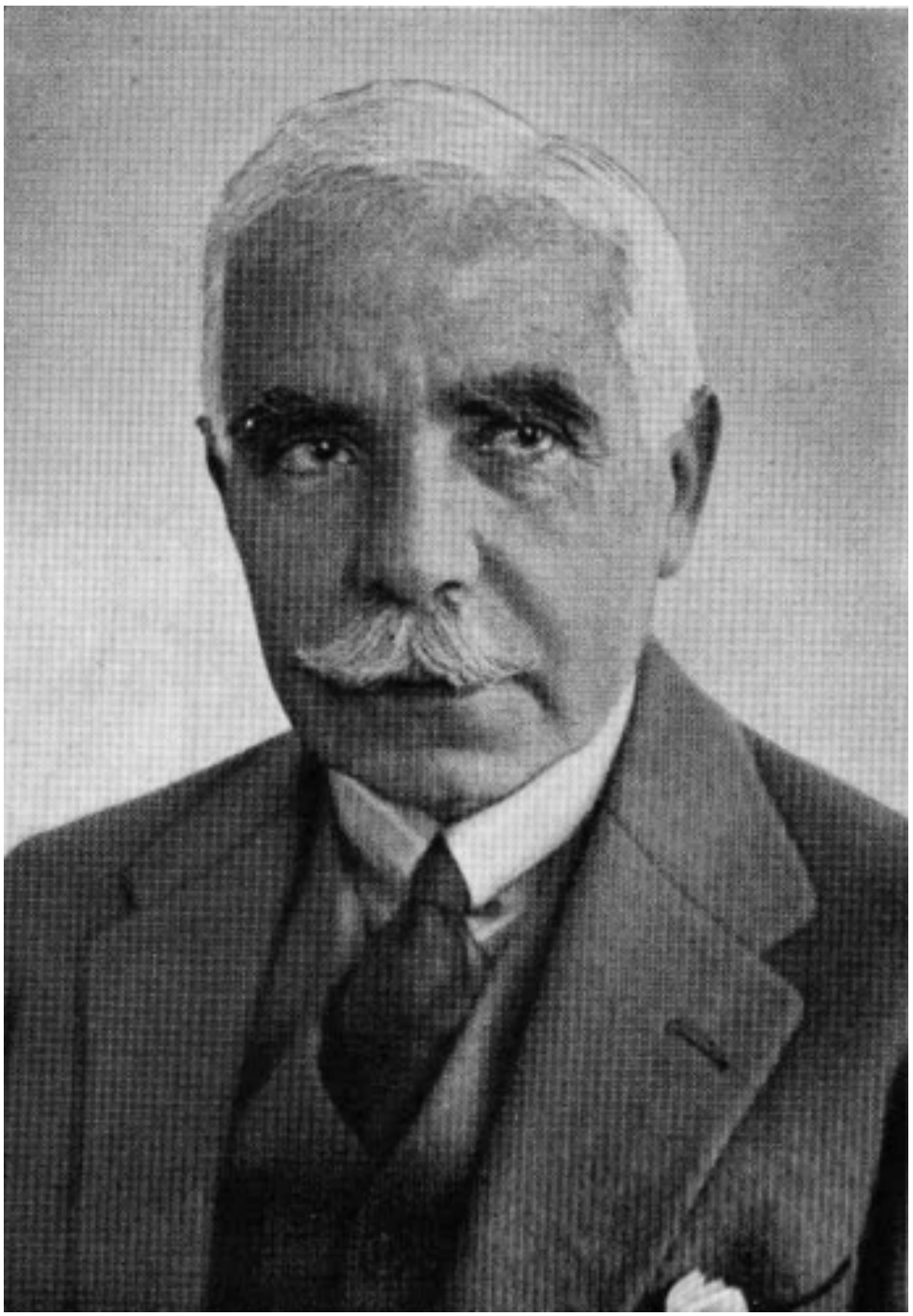
"Quando o judeu dedica seus pensamentos, sua alma inteira à causa dos trabalhadores, aos pobres e deserdados deste mundo, é de sua natureza fundamental ir até a raiz das coisas. Na Alemanha, ele é representado por um Marx e um Lassalle, um Haase e um Eduard Bernstein; na Áustria, por um Victor e um Friedrich Adler; na Rússia, por um Trotsky. Comparemos por um momento a situação atual na Alemanha com a da Rússia: em ambos os países, a revolução libertou forças criativas. Estamos cheios de admiração pela extensão em que os judeus aqui se colocaram imediatamente à disposição para uma atividade vibrante. Revolucionários, socialistas,

mencheviques, bolcheviques, independentes ou velhos socialistas, como quer que sejam chamados, todos são judeus e em todos os agrupamentos revolucionários eles são encontrados na liderança ou no trabalho ativo." (Citado por Léon de Poncins em *"Atrás dos Bastidores da Revolução"*, 1929, Vol. 2, p. 15.)

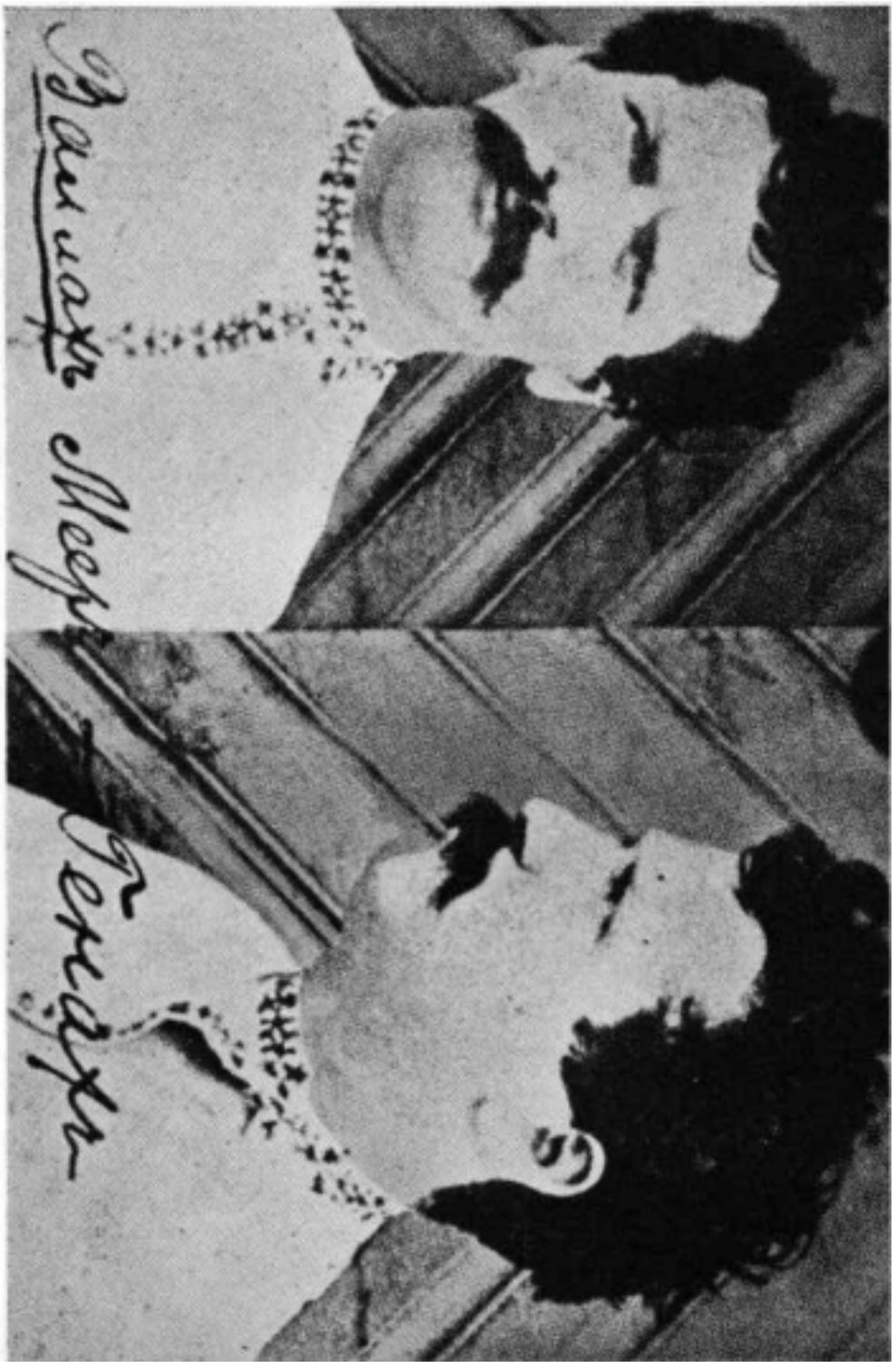
Mortimer Schiff

Felix Warburg

Gugenheim



Otto Kahn



Stalin

Krestinki, Litwinow-Finkelstein, Ugarow, Lunatscharski

Atiradores Judeus

Os "ideais" do bolchevismo

"Os ideais do bolchevismo concordam em muitos pontos com os mais refinados ideais do judaísmo." (*London, Jewish Chronicle*, 4 de abril de 1919.)

Como poderia ser diferente? "O que o descontentamento judaico tanto contribuiu para realizar na Rússia — as mesmas qualidades históricas também querem impulsionar em outros países." (*"The American Hebrew"*, 10 de set. de 1920.)

"O fato de haver um bolchevismo, o fato de que tantos judeus são bolcheviques, o fato de que os ideais do bolchevismo coincidem com os do judaísmo são fatos marcantes e de grande alcance." (*Jewish Chronicle*, Londres, 1919, citado pelo *Morning Post*, 15 de fev. de 1920.)

O Documento de Reval

No bolso do comandante bolchevique, o judeu Sünder, comandante de batalhão do 9.º Regimento de Atiradores Vermelhos, que tombou na noite de 9 de novembro de 1919 na fronteira da Estônia, foi encontrado o seguinte documento, uma circular enviada às diretorias das seções da *"Alliance Israélite Universelle"*, impressa em 31 de dezembro de 1919 nos jornais estonianos *"Postimees"* em Dorpat e *"Teataja"* em Reval:

"Secreto. Às diretorias das seções da Alliance Israélite Universelle.

Filhos de Israel! A hora da nossa vitória definitiva se aproxima. Estamos no início do nosso domínio mundial. Aquilo com que antes apenas podíamos sonhar, torna-se agora realidade. Até há pouco fracos e indefesos, levantamos agora, graças à revolução geral, orgulhosamente a nossa cabeça.

Ainda assim, devemos estar de guarda. Pois pode-se presumir com certeza que, visto que já caminhamos sobre altares destruídos e tronos derrubados, teremos de avançar ainda mais pelo caminho traçado.

. . . Fizemos tudo para submeter o povo russo ao poder judaico e, finalmente, forçá-lo a dobrar os joelhos diante de nós. Já alcançamos quase tudo, mas . . . ainda assim devemos ter cuidado, pois nosso inimigo hereditário sempre foi a Rússia, agora subjugada. A vitória sobre a Rússia, que conquistamos por meio do nosso gênio, poderia contudo, um dia, nas futuras gerações, voltar-se contra nós.

A Rússia foi lançada ao pó. Ela está sob o nosso domínio. Mas não se esqueçam de que precisamos ser cautelosos! O sagrado cuidado com a nossa segurança não nos permite, em caso algum, sermos compassivos e de coração mole . . .

Não podemos ter compaixão de nosso inimigo: todos os seus melhores elementos e lideranças devem ser eliminados, para que a Rússia subjugada não tenha mais nenhum líder. Assim, destruímos qualquer possibilidade de resistência ao nosso poder. Devemos nos esforçar para fomentar conflitos partidários e

instigar a discórdia entre camponeses e operários; a guerra e a luta de classes destruirão os valores culturais que os povos cristãos criaram . . .

Bornstein, Apfelbaum, Rosenfeld, Steinberg — todos eles e também muitos outros são filhos fiéis de Israel. Nosso poder na Rússia é ilimitado. Nas cidades, comissariados, comissões de abastecimento, comitês prediais, etc., os representantes do nosso povo desempenham o papel principal. Contudo, não vos deixeis embriagar pela vitória! Sede cautelosos, pois ninguém mais pode nos defender a não ser nós mesmos."

O bolchevismo também se encontra nas mãos do judaísmo

O homem mais importante no aparelho estatal é Laser Moissejewitsch Kaganowitsch, substituto de Stalin no Conselho dos Comissários do Povo e, além disso, Comissário do Povo para o Transporte. Seu substituto no partido, o judeu L. S. Mechlis, é o chefe da administração política do Exército Soviético e, sobretudo, vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo e Comissário do Povo para o Controle Estatal.

Judeus são, além disso, os seguintes Comissários do Povo e chefes de órgãos importantes, ao lado de Kaganowitsch e Mechlis: Semljatschka (Salkind), R. S., vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo; Dubelskij, S. S., Comissário do Povo para a Navegação Marítima; Ginsburg, S. S., Comissário do Povo para a

Construção; Kaganowitsch, J. M., vice-comissário do Povo para o Comércio Exterior; Suchowolskij, M. L., para a Indústria Petrolífera; Kaplun, G. D., para a Construção; Bejser, D. J., para a Indústria Siderúrgica; Besus, L. J., para Materiais de Construção na Ucrânia; Weinstein, S. H., para a Indústria Pesqueira; Schapire, M. D., para Abastecimento; Sejdin, J. L., para a Justiça; Mulstein, S. R., primeiro vice-comissário do Povo para a Indústria Madeireira; Zarapkin, S. K., chefe do 2.º Departamento do Extremo Oriente no Comissariado das Relações Exteriores.

O bolchevismo é o triunfo de Judas

"Nesse meio-tempo, nós, judeus, conquistamos a liberdade e nos vingamos grandiosamente. Oh, valeu a pena sofrer pogroms. O governo que nos perseguiu contorce-se sem esperança no pó do esquecimento. Onde antes éramos os humilhados e perseguidos, hoje somos os perseguidores orgulhosos e implacáveis." (Citado em *"Now and for ever. A conversation with Mr. Israel Zangwill on the Jew and the Future"*, com prefácio do Sr. Zangwill, por Samuel Roth. Nova York. Robert M. McBride and Co., 1925.)

"Judeus que negam que muitos judeus sejam comunistas colocam-se a si mesmos na posição de cidadãos apenas tolerados. Precisamos de uma expansão e fortalecimento da frente unida contra o fascismo. Se, na participação plena no forjamento dessa frente única, os judeus da América se alistarem como comunistas — que assim seja." (Rabino James

Waterman Wise, filho do rabino Stephen S. Wise, no jornal *"New Masses"* de 29 de out. de 1935.)

O ódio racial milenar dos judeus contra os outros povos desencadeia-se nos pavorosos atos de sangue do bolchevismo.

O ódio racial é um motivo fundamental judaico

"Ao antissemitismo, o ódio aos judeus, opõe-se do lado judaico um grande ódio a tudo o que é não judaico; assim como nós, judeus, sabemos de cada não judeu que ele, em algum canto do seu coração, é e deve ser antissemita, da mesma forma cada judeu é, no fundo mais profundo do seu coração, um odiador de tudo o que não é judaico . . . Assim como no coração mais íntimo de cada cristão a palavra 'judeu' não é totalmente inofensiva, da mesma forma para cada judeu o não judeu é o 'Goi', o que não é de forma alguma um insulto, mas sim um sinal de separação claro e inequívoco . . . Nada está tão vivo em mim quanto a convicção de que, se há algo que une todos os judeus do mundo, é esse grande e sublime ódio . . . Acredito que se poderia provar que existe no judaísmo um movimento que é o reflexo fiel do antissemitismo, e acredito que essa imagem se tornaria mais perfeita do que qualquer outra. E a isso eu chamo de o grande ódio judaico . . . Chamam-nos de um perigo para a germanidade. Certamente o somos, tão certo quanto a germanidade é um perigo para o judaísmo. Mas querem exigir de nós que cometamos suicídio? Ninguém pode alterar o fato de que um judaísmo forte é um perigo para tudo o que é

não judaico. Todas as tentativas de certos círculos judaicos de provar o contrário devem ser classificadas como tão covardes quanto cômicas. E como duas vezes mais mentirosas do que covardes e cômicas! Se temos o poder ou não, essa é a única questão que nos interessa, e por isso devemos se esforçar para ser e continuar a ser um poder." (Cheskel Zwi Klötzel, *Das groβe Hassen*, "Janus" n.º 2, 1912.)

"Vocês nem sequer começaram a reconhecer a verdadeira magnitude da nossa culpa. Nós somos intrusos. Somos destruidores. Somos subversivos. Tomamos posse do seu mundo natural, dos seus ideais, do seu destino e fizemos pouco caso deles. Fomos a causa última não apenas da última guerra, mas de quase todas as suas guerras. Fomos os autores não apenas da revolução russa, mas de todas as grandes revoluções em sua história. Trouxemos discórdia e confusão para a sua vida pessoal e pública. Ainda o fazemos hoje. Ninguém pode dizer por quanto tempo ainda o faremos." (Marcus Eli Ravage, *"A real case against the jews"*, *The Century Magazine*, janeiro de 1928, n.º 3, vol. 115.)

Por meio do bolchevismo, o judaísmo quer alcançar o domínio mundial

O líder sionista judeu Achad ha Am (cujo nome verdadeiro era Asher Ginzberg) escreveu em seu livro *"Transvaluation of value"* (citado em Léon de Poncins, *"Hinter den Kulissen der Revolution"*, vol. 2, pp. 122—123):

"Este povo governará sobre todos os outros ... Este Israel, que na verdade é o modelo supremo da humanidade entre todos os outros povos . . .

Israel dará à ideia do bem a marca que ela possuía no passado.

O bem é propriedade do super-homem ou da super-nação que possui a força para se expandir, aperfeiçoar sua vida e tornar-se o senhor do mundo, sem consideração pelo que isso possa custar à grande massa de pertencentes a povos de nível inferior, sem consideração pelo dano que estes possam sofrer. Pois, única e exclusivamente, o super-homem e a super-nação são a flor ou o ponto culminante de toda a massa humana. Todas as demais nações foram criadas apenas para servir a esta elite, para formar a escada sem a qual a ascensão à altura almejada é impossível . . ."

O culpado foi reconhecido

O ministro do Reich, Dr. Goebbels, disse no Congresso do Partido do Trabalho do NSDAP em 1937:

"O judaísmo, que foi reconhecido e desmascarado como o principal agente da revolução mundial bolchevique, representa por sua natureza um elemento associal e parasitário entre os povos civilizados. No bolchevismo, ele criou para si o solo adequado no qual pode prosperar.

A Europa, porém, deve ver e reconhecer esse perigo. Não nos cansaremos de apontá-lo. De forma destemida, queremos apontar o dedo para o judeu como o inspirador, autor e beneficiário desta terrível catástrofe: Vede, este é o inimigo do mundo, o destruidor das culturas, o parasita entre os povos, o filho do caos, a encarnação do mal, o fermento da decomposição, o demônio plástico da decadência da humanidade."